

OTRUA SLAA ED ALUA

Experiências urbanas na formação do arquiteto e urbanista

Marcela Dimenstein¹

Dentre os inúmeros problemas que permeiam a formação e a prática profissional no campo da Arquitetura e Urbanismo, destacam-se aqueles referentes à fragmentação curricular, à organização do processo ensino-aprendizagem e ao modo como se opera o conhecimento. Tal como em outros campos científicos, a formação do arquiteto e urbanista sofre com a falta de integração dos conteúdos e o afastamento dos estudantes e profissionais de outras áreas complementares e dos cenários de práticas, dificultando a consolidação de uma perspectiva interdisciplinar e contextualizada ao processo formativo.

As práticas de ensino-aprendizagem acompanham essa discussão na medida em que, tradicionalmente, têm contribuído para reforçar o padrão de ensino focado em resultados e não no processo de construção do conhecimento, na limitação do processo criativo e na reprodução do que já está estabelecido de forma a-crítica.

Elali (2015), e Souza (2020) discutem essa problemática e alertam como a criatividade pode ser tolhida nos ateliês de projeto em decorrência da condução inflexível e focada na avaliação por resultados, não favorecendo, na maior parte das vezes, que o curso seja visto como um “local de liberdade criativa e reflexiva; como espaço de visualização do desenvolvimento de ideias; como local de registro da crítica e da autocrítica; e ainda, como espaço de valorização do processo projetual e não apenas dos resultados” (RODRIGUES e LIMA, 2017, p. 47).

O cenário de abertura indiscriminada de novos cursos pelo país nas últimas décadas, especialmente pelo setor privado, sob a lógica de mercado, é preocupante, pois tem aberto brechas para a implantação e consolidação do ensino da arquitetura e urbanismo à distância, remoto ou de forma híbrida, trazendo ainda mais desafios para o campo e para a qualidade da formação. Em 2020, com a chegada da pandemia, os problemas já existentes ganharam uma nova dimensão. As estratégias de EAD nas IES privadas serviram para testar, de acordo com Monteiro (2021, p. 161),

um modelo de negócio, baseado no aumento do número de alunos, nas baixas mensalidades, na redução do número e dos salários dos professores, com ensino apostilado, com tutores que desconhecemos a formação, mas que atendem a centenas de alunos nas plataformas online. O que se viu também foi a demissão em massa de nossos colegas docentes das IES privadas, o aumento expressivo do número de alunos por turma, a contratação de tutores, a precarização do trabalho daqueles professores que permaneceram com seus empregos.

A literatura do campo vem destacando há décadas que os profissionais se formam com muitas defasagens em termos das habilidades e competências requeridas para o exercício adequado da profissão. Os novos profissionais demonstram despreparo para enfrentar novos desafios relativos à sustentabilidade, demandas do proprietário, normas técnicas, emprego de novas tecnologias e programas digitais, que são consequência de seu baixo repertório que tende a reproduzir formas prontas e simplificadas com ausência de eficiência, baixo desempenho ambiental e sem compatibilização entre as partes (MAHFUZ, 2011).

Fernandes e Raic (2021) salientam que a sociedade atual, dominada pelo neoliberalismo e estímulo ao consumo, espera um profissional alinhado com a produção do mercado mundial. Brito e Jacques (2008) e Fiorin (2022) alertam que o processo atual de mercantilização e de espetacularização urbana em nível mundial, ancorado em políticas e operações urbanísticas destinadas a eliminar dissensos, conflitos e esconder tensões, por meio da criação de um espaço esterilizado, domesticado, empobrecido de experiências corporais e distanciado do que é a própria vivência na cidade, é totalmente compatível com um modelo de formação que objetiva formar profissionais alienados, a-críticos, não comprometidos com a redução das desigualdades sociais e melhoria da qualidade de vida da população, sendo reprodutores dessa lógica neoliberal. Nesse sentido, é possível compreender as razões pelas quais as práticas de ensino-aprendizagem vão se distanciando progressivamente de uma perspectiva interdisciplinar e integrativa que se fragmenta ao longo da formação e da vida profissional.

Tais evidências têm gerado investigações em várias áreas científicas a respeito das novas estratégias de integração curricular. Estudos recentes buscam soluções que envolvam uma maior aproximação com as áreas afins; novas metodologias de diagnósticos e projeção que estimulem criatividade e inovação; de processos de projeto que estejam mais alinhados aos aspectos humanos, corporais, sensíveis, ambientais, tecnológicos e culturais; além de estratégias de ensino aprendizagem que abram possibilidade para novas pesquisas, fazendo do próprio arquiteto e urbanista e do próprio cidadão, os maiores críticos do espetáculo urbano.

O relato aqui apresentado tem o intuito de contribuir e ampliar a discussão sobre o processo de formação do arquiteto e urbanista contemporâneo, assim como estimular algumas ações acadêmicas de aproximação do aluno com a cidade, na tentativa de despertar diferentes pontos de vista acerca de cenários e paisagens cotidianas. Será apresentada uma atividade que foi realizada durante 6 semestres letivos consecutivos, entre os anos de 2017 e 2020, com alunos do 3º ano do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa-PB, na disciplina de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo VI.

Esta disciplina, que envolvia em média 30 alunos por turma, tinha como objetivo estimular o aluno a experimentar algo novo na cidade em que vive - seja caminhando por locais novos, usando outros meios de transporte para se locomover, conversando com personagens incomuns no seu dia a dia, conhecendo novas rotinas de vida, realizando intevencões no espaço, seja observando novas paisagens. A partir de uma visão sensível, ele deveria contar para seus colegas em sala de aula sua percepção sobre o que foi vivenciado. Contudo, a forma como essa experiência seria narrada não era definida previamente pela professora, mas uma escolha do aluno que podia expressá-la livremente.

A experiência de campo, segundo Alcantara (2015), funciona como ferramenta de motivação ao aprendizado, evocando sentimentos e emoções que estão associados a uma autonomia de reconhecer no outro a possibilidade de conhecer a si mesmo. Em um processo de autoconhecimento, o vivenciar a cidade contemporânea com outros

¹ Arquiteta e Urbanista graduada pela UFPB em 2011, Mestre pelo PPGAU/UFPB em 2014 e Doutora pelo PPGAU/UFRN em 2021. Atualmente é professora assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa e do Instituto de Educação Superior da Paraíba.

olhos desperta o corpo para os efeitos do calor, do asfalto, das grandes distâncias, ausências de vegetação, mas também descortina relações humanas, paisagens pitorescas, sentimentos de pertencimento e conexão com o local. Logo, entendemos que essa atividade possibilitaria os participantes sair de um estado de anestesiamento e passividade em sala de aula, como também no seu dia a dia, estimulando processos de transformação, protagonismo, no sentido de tornarem-se agentes ativos, pensantes e reflexivos no espaço.

A seguir, iremos apresentar 10 registros fotográficos de experiências urbanas narradas por alunos do curso de AU, muitas delas transformando a sala de aula convencional em uma *outra sala de aula* (outra sala de aula). Cada um dos registros indica a problemática abordada, a saber:

- i) *Outra pele* - Experiência de Emma Bossy em bares na capital pessoense. Experiência marcada por olhares de constrangimento, mas também pela realização de sonhos;
- ii): *Britney também paga* contas – Britney Spears circula por João Pessoa na intenção de experimentar uma vida “normal” indo a bancos, supermercados e universidades;
- iii): *Quem com ferro fere com ferro será ferido* – o jogo simula o sentimento de ameaças constantes sentidas pela proponente ao visitar bairros que não está habituada frequentar na cidade. No caso, o balão precisa ser protegido de ataques diversos e de todos os lados;
- iv) *Comando Cego* – esse jogo recria a sensação vivida pela proponente da dificuldade de manter-se atenta no seu cotidiano. Aqui, o participante vendado precisa achar o balão, enquanto colegas gritam diversas orientações contraditórias;
- v) *Entrega de projeto é doído* - canção que contava o processo de uma entrega de projeto arquitetônico, desde a impressão errada das pranchas, dificuldades no transporte coletivo até a faculdade, calor, engarrafamentos, dentre outros obstáculos vividos pelos estudantes;
- vi) *Performando o lixo* - performance com canto e dança sobre a quantidade de lixo existente na cidade e como isso impacta na forma da proponente encarar o viver urbano;
- vii) *Elas são trabalhadoras, sim!* – trata da experiência do proponente em conversas com garotas de programa que trabalham na noite de João Pessoa. As imagens trazidas retratam as partes do corpo que elas mais gostam em si mesmas;
- viii) *Sentindo relatos* - A atividade proposta tenta simular sensações no corpo dos participantes tal como as sentidas pela proponente que tem limitações visuais, referentes às experiências urbanas;
- ix) *Qual é a música, Pablo?* – mostra a experiência do proponente e as reações que afloram em desconhecidos nas ruas de João Pessoa ao serem apresentados a diversos tipos de músicas;
- x) *Marcas da amizade* - Trata-se de uma intervenção com tinta no corpo e nas roupas do proponente na intenção de deixar marcas do momento vivenciado entre amigos de turma.

Como resultado dessa atividade, as narrativas variaram e sempre surpreenderam. Além das apresentações teatrais, propostas de jogos, apresentações musicais e recriações de situações, ainda existiram leituras de poemas, intervenções urbanas, ensaios fotográficos, dentre outros, que provocaram diversas emoções dentre os presentes, sendo comum ver o despertar de risadas, lágrimas, sentimentos de indignação e de compaixão. Logo, uma *outra sala de aula* emerge como um espaço compartilhado e de livre expressão, incentivando colaboração, afinidades e a preocupação com o outro, elementos que são necessários para profissão de Arquiteto e Urbanista em tempos como os atuais.

Assim, esperamos que essas experiências possam servir de inspiração para outras estratégias de aproximação de aluno de graduação com a cidade, estimulando uma formação acadêmica holística, integrada e sensível, que permita leituras e análises urbanas mais próximas da realidade. Ademais, despertar curiosidade acerca de outros espaços urbanos, por vezes esquecidos ou estigmatizados, com possibilidade de gerar futuras pesquisas e trabalhos de iniciação científica, extensão ou de pós graduação.

Referências

ALCANTARA, Viviane. Importância das atividades de campo no ensino da geografia e na educação ambiental no desenvolvimento consciência crítica do aluno. *Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação*. Niterói, RJ. Vol 3, nº 7, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/uso_publico/article/view/28918

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPGAU/UFBA*. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA, 2008.

ELALI, Gleice. Eliminar ou ampliar barreiras? Uma reflexão sobre como os professores de projeto de arquitetura percebem a criatividade discente. *Anais 7º Seminário PROJETER*. Natal, 2015. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1488>

FERNANDES, Gabriel; RAIC, Daniele. A formação e os processos de subjetivação no curso de arquitetura e urbanismo em Vitória da Conquista/BA. *GEPRÁXIS*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 10, p. 1-16, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9662>

FIORIN, Evandro. Nômades: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo – por um (re) conhecimento urbano. *Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*. [S. l.], v. 20, p. 203-222, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/160287>

MAHFUZ, Edson. Banalidade ou correção. Dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências. *Anais 5º Seminário PROJETER*. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojeter/article/view/16608>

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de arquitetura e urbanismo à distância, remoto, híbrido: para onde queremos ir?. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 157–162, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojeter/article/view/23865>

RODRIGUES, Clara; LIMA, Verônica. A bitácara como ferramenta de ensino-aprendizagem na arquitetura. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 47–60, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojeter/article/view/16570>

SOUZA, Natalya Cristina de Lima. *A criatividade no projeto arquitetônico: um estudo exploratório em trabalhos finais de graduação do CAU-UFRN*. Dissertação (Mestrado EM Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30247>

Figura 2 - Britney também paga contas – Britney Spears circula por João Pessoa na intenção de experimentar uma vida “normal” indo a bancos, supermercados e universidades. Fonte: Autora, 2018.



BRTNEY TAMBÉM PAGA CONTAS

Figura 1 - Outra pele - Experiência de Emma Bossy em bares na capital pessoense. Experiência marcada por olhares de constrangimento, mas também pela realização de sonhos. Fonte: Autora, 2017.



OUTRA PELE

Figura 4 - Comando Cego – esse jogo recria a sensação vivida pela proponente da dificuldade de manter-se atenta no seu cotidiano. Aqui, o participante vendido precisa achar o balão, enquanto colegas gritam diversas orientações contraditórias. Fonte: Autora, 2019.



COMANDO CEGO

Figura 3 - Quem com ferro fere com ferro será ferido – o jogo simula o sentimento de ameaças constantes sentidas pela proponente ao visitar bairros que não está habituada frequentar na cidade. No caso, o balão precisa ser protegido de ataques diversos e de todos os lados. Fonte: Autora, 2018.



QUEM COM FERRO FERIR COM FERRO SERÁ FERIDO

Figura 6 - Performando o lixo - performance com canto e dança sobre a quantidade de lixo existente na cidade e como isso impacta na forma da proponente encarar o viver urbano. Fonte: Autora, 2019.

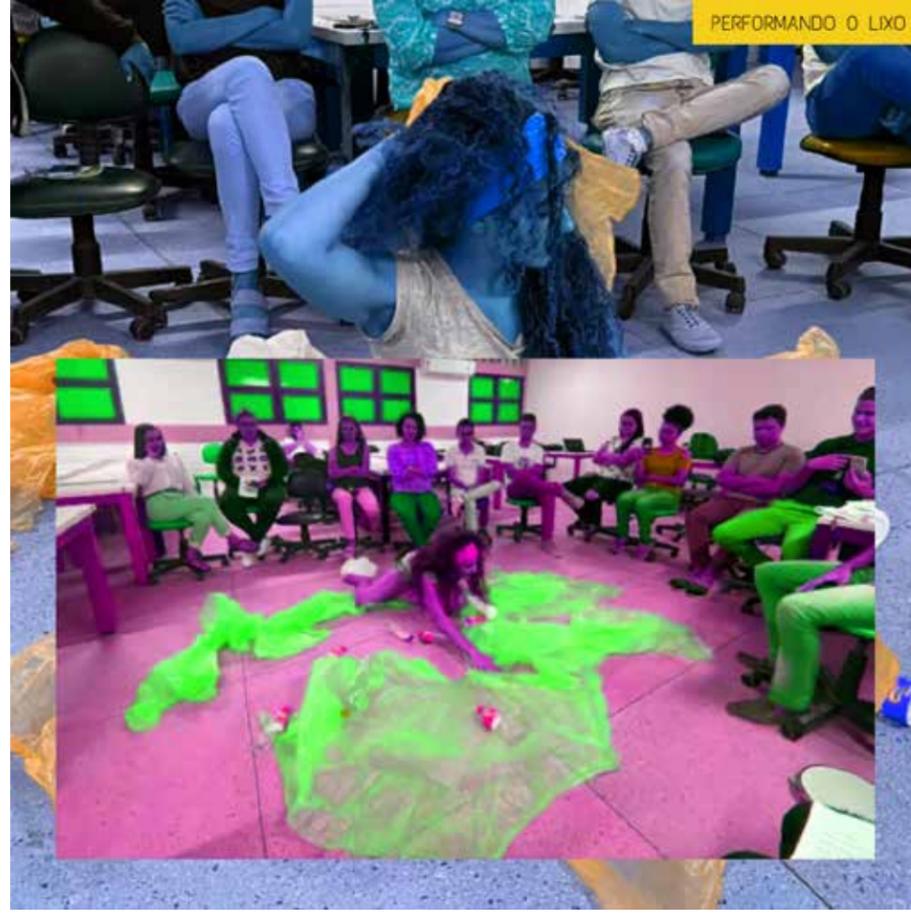


Figura 5 - Entrega de projeto é doido - canção que contava o processo de uma entrega de projeto arquitetônico, desde a impressão errada das pranchas, dificuldades no transporte coletivo até a faculdade, calor, engarrafamentos, dentre outros obstáculos vividos pelos estudantes. Fonte: Autora, 2018.



Figura 8 - Sentindo relatos - A atividade proposta tenta simular sensações no corpo dos participantes tal como as sentidas pela proponente que tem limitações visuais, referentes as experiências urbanas. Fonte: Autora, 2017.

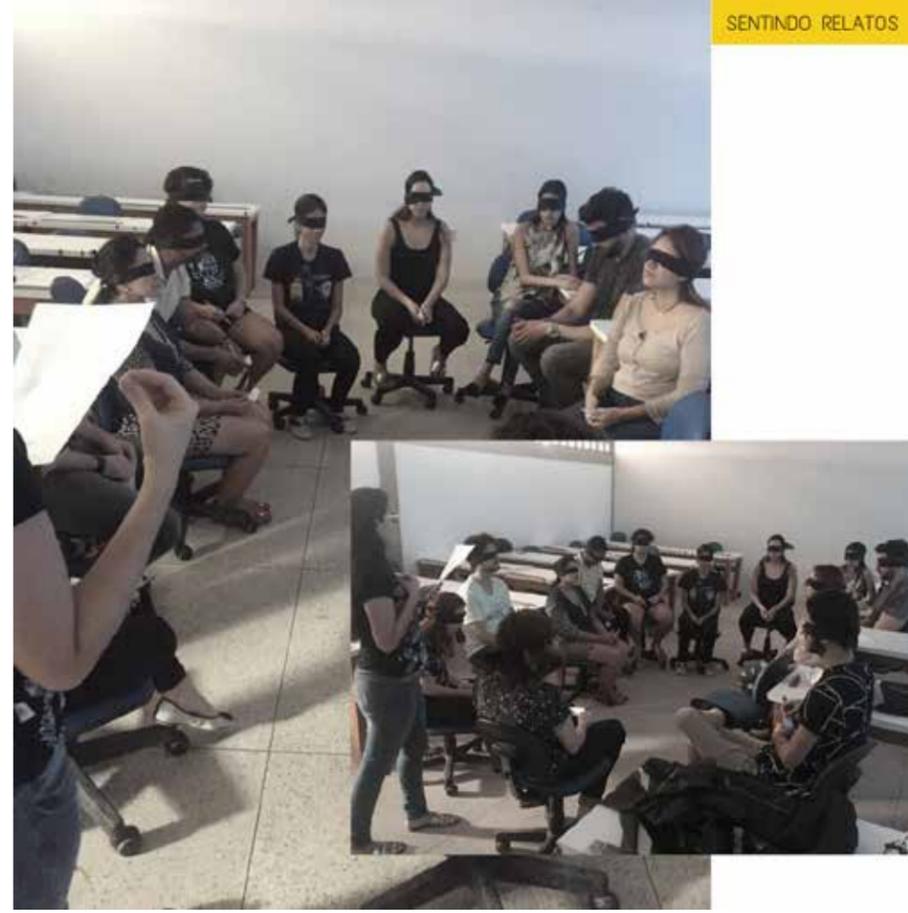


Figura 7 - Elas são trabalhadoras, sim! - trata da experiência do proponente em conversas com garotas de programa que trabalham na noite de João Pessoa. As imagens trazidas retratam as partes do corpo que elas mais gostam em si mesmas. Fonte: Autora, 2019.

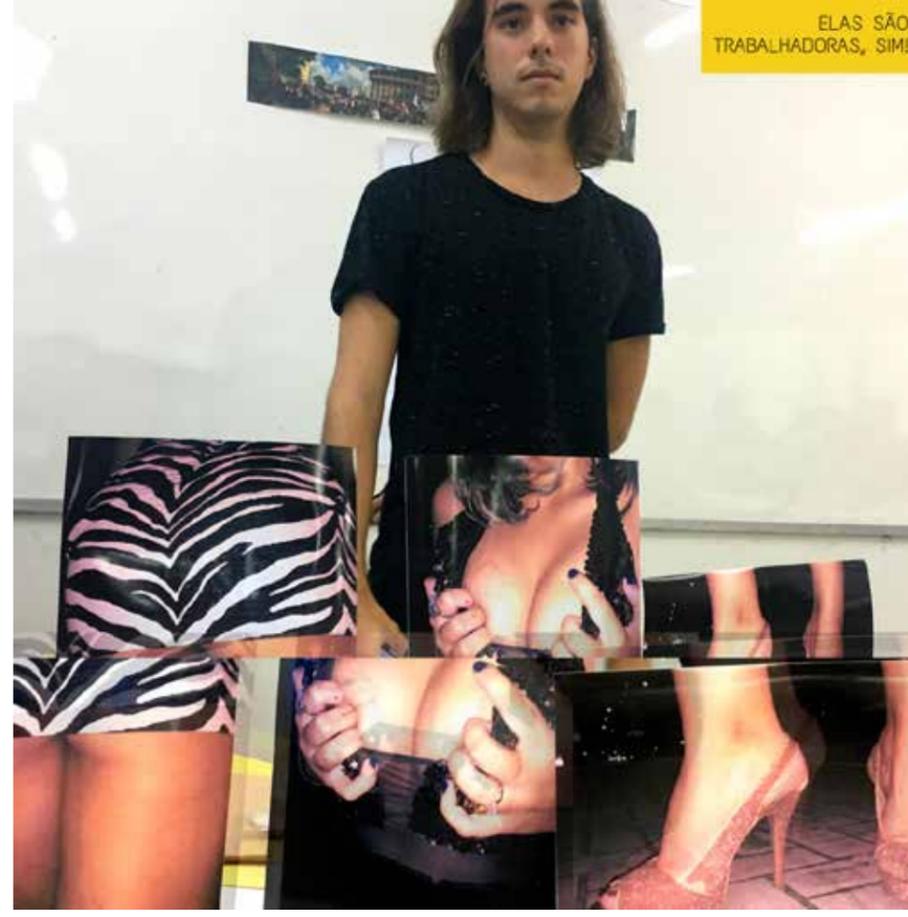


Figura 9 - Qual é a música, Pablo? - mostra a experiência do proponente e as reações que afloram em desconhecidos nas ruas de João Pessoa ao serem apresentados a diversos tipos de músicas. Fonte: Autora, 2019.



QUAL É A MÚSICA,
PABLO?



MARCAS DA AMIZADE

Figura 10 - Marcas da amizade - Trata-se de uma intervenção com tinta no corpo e nas roupas do proponente na intenção de deixar marcas do momento vivenciado entre amigos de turma. Fonte: Autora, 2017.